

Contribuição de Ernani Maria Fiori para uma pedagogia política de libertação

*Balduino A. Andreola**

Resumo

O objetivo do presente artigo é resgatar a contribuição significativa e altamente qualificada de Ernani Maria Fiori para a obra de Paulo Freire e para a Pedagogia da Libertação, como um processo político-pedagógico amplo, em dimensões de Brasil e América Latina. Tal contribuição é ainda pouco conhecida. O próprio Freire, em várias oportunidades, por escrito ou em palestras e entrevistas, enfatizou a excepcional contribuição de Fiori. Este estudo traz os elementos básicos para a compreensão histórica da incomparável parceria entre Freire e Fiori, sobretudo no Brasil e no Chile. Além disso, procura caracterizar as principais categorias com que Fiori enriquece, com rara profundidade e perspectiva de ação transformadora, a práxis da educação libertadora e da educação popular em geral.

Palavras-chave: Pedagogia da libertação, idéias de Fiori, obra de Freire

Abstract

The goal of this paper is to bring out the significant and highly qualified contribution of Ernani Maria Fiori to the work of Paulo Freire and to the Pedagogy of Liberation, seen as a wide political and pedagogical process in Brazil and Latin America. This contribution is not well known yet. In many chances, Freire himself, either in writing or in conferences and interviews has emphasized Fiori's exceptional contribution. This study brings to light the main elements to the historical comprehension of the unparalleled partnership of Freire and Fiori, chiefly in Brazil and Chile. In addition, it seeks to characterize the main categories with which Fiori enriches – with extraordinary depth and a perspective of transforming action – the praxis both of liberating education and of popular education in general.

Key-words: Pedagogy of liberation, Fiori's ideas, Freire's work

* Professor visitante junto ao curso de mestrado em Educação da FaE/UFPel

1. Fiori e Freire: Um Diálogo Interditado

No dia 25 de maio de 1991 Paulo Freire, em companhia de sua esposa Ana Maria, realizou, de automóvel, aqui no Rio Grande do Sul, uma viagem histórica, que poucos perceberam, e que foi, talvez, uma das mais dramáticas de sua vida. Não fossem as habilidades do motorista, Frei Sérgio Górgen, familiarizado com muitos caminhos árduos, não sei não se o Paulo e a esposa teriam chegado àqueles cafundós do assentamento “Conquista da Fronteira”, na região de Bagé, onde aconteceu, naquele dia, o lançamento do projeto de alfabetização de jovens e adultos do Movimento dos Sem-Terra do Rio Grande do Sul.³ Enquanto ele e a esposa aguardavam o almoço, propus-lhe a idéia de um livro “dialogado”. “Paulo - disse eu - o Ernani Fiori mereceria um livro que resgatasse o valor de sua obra. Mas tu nunca vais ter tempo de escrever um livro sobre o Fiori. Por isso vou fazer-te uma proposta. Tu já escreveste vários livros “dialogados”, em co-autoria com outros intelectuais. Eu te proponho mais um, desta vez sobre o Fiori. Eu preparo o esquema geral do livro. Formulo as questões que me parecem mais interessantes para o nosso diálogo. Te envio o esquema e as questões. Tu inseres emendas ou sugestões. Eu vou para São Paulo, para entrevistar-te, durante dois ou três dias. Gravamos, mando transcrever, revisamos o texto, para dar-lhe um estilo mais adequado para livro, e publicamos.”

Paulo Freire não titubeou um instante. Entusiasmou-se com a idéia, mas acrescentou logo: “Eu não gostaria que fosse um livro apenas biográfico. Preciso, por isso, de um tempo, para reler os escritos do Fiori”. Enviei-lhe, algum tempo depois, as questões que me pareciam mais significativas. Incluí a proposta do livro num projeto de pesquisa mais amplo, que enviei ao CNPq. Os muitos compromissos que absorviam inteiramente o tempo de Freire levaram-no a adiar várias vezes a nossa entrevista. Diante desta situação, cheguei a dizer-lhe que eu poderia reencaminhar-lhe as questões indicando, entre parênteses, as páginas dos escritos do Fiori, a fim de que ele pudesse realizar uma leitura seletiva. Tendo aceito a idéia, fez-me também uma contraproposta, nos seguintes termos: “Balduino, quem sabe, antes do diálogo definitivo, que deve dar origem ao livro, podemos ter um papo mais informal. Tu me mandas, depois, a transcrição do mesmo, e com base naquele texto realizamos o diálogo mais longo e elaborado.” Este primeiro “papo informal” deveria acontecer no segundo semestre de 1997. Fica agora no ar uma pergunta desafiadora para mim: o livro “dialogado” sobre Fiori

³Estou preparando um livro em coautoria com um grupo de alunos do PPGEDU-UFRGS, que participaram de seminários onde estudamos a obra de Freire em 1995 e 1996. Nele incluiremos a palestra proferida por Freire naquele dia.

não sairá mais?

A pergunta acima trouxe à memória uma conversa minha com o filósofo Paul Ricoeur, em 1983, já citada por mim, noutro artigo sobre Freire, após sua morte (Revista Pátio, nº 2 - no prelo). Além da emoção com que Ricoeur lembrou o grande amigo desaparecido com apenas 45 anos de idade, eu salientei, em meu artigo, uma colocação feita por ele naquela hora, que repetia o que ele escreveu já em 1950, num artigo sobre Mounier. Ricoeur se referia a uma exigência hermenêutica diversa, em se tratando da obra de um autor após sua morte ou estando ele ainda em vida, e concluía a argumentação expressando sua tendência a uma leitura dos escritos de Mounier “continuando em vão o diálogo interdito.”

Minha sensação atual é semelhante à de Ricoeur. Durante o ano de 1984 eu estava terminando, em Porto Alegre, minha tese de doutorado, que iniciara na Bélgica, para defendê-la depois naquele país. Sendo praticamente vizinho do Ernani Fiori, fui duas ou três vezes à sua casa, mantendo com ele demorados diálogos sobre a temática da minha tese e outros temas. Eu esperava voltar a eles, em outras conversas, após a defesa da tese, que aconteceu no dia 13 de maio de 1985. Mas ele partiu para a viagem definitiva no dia 4 de abril daquele ano. O diálogo com Fiori ficou “interdito”, segundo Ricoeur. Eu tinha guardado várias perguntas, a partir daquelas conversas de 1984. Aquelas conversas motivaram, depois, algumas das perguntas que eu propus ao Freire, para o nosso “livro dialogado”. Dolorosamente, nem um nem outro responderá mais às minhas perguntas. Todavia, o silêncio deles não poderia justificar meu silêncio. Foi, aliás, um outro silêncio, demasiadamente grande, em torno da obra de Fiori, que me levou a propor um livro em co-autoria com Freire, em que pudéssemos resgatar uma dimensão extraordinariamente rica e fecunda da obra de Fiori, qual seja sua contribuição para a teoria e a prática no campo da educação e, mais especificamente, para a construção de uma pedagogia política de libertação, no campo da educação popular.

As perguntas por mim propostas ao Paulo Freire não podem ficar, pois, sem respostas. Se o diálogo foi interdito, o desafio será mais árduo para mim. A palavra de Freire sobre o Fiori e sua obra existe e está ao nosso alcance. Freire falou e escreveu sobre ele em várias oportunidades. O livro deverá surgir, pois, e este artigo pode constituir-se numa antecipação abreviada do que pretendo explicar no mesmo, se não mais “em diálogo” vivo com Freire, certamente numa interlocução com o que ele disse e escreveu.

2. Uma Longa e Fraternal Parceria

Nicolas Berdiaeff escreveu, em seu livro **Cinq Méditations sur L'Existence** (1936:21):

Nós conhecemos muito mais através do sentimento do que da inteligência: é digno de nota que, não somente a simpatia e o amor, mas também a inimizade e o ódio possam ser auxiliares do conhecimento (...).

Desconheço, na história do pensamento brasileiro, outro caso que se equipare à longa e profunda amizade, se confundindo com a extraordinária parceria intelectual e político-pedagógica que marcou, ao longo de mais de trinta anos, as trajetórias de Paulo Freire e Ernani Fiori. Numa entrevista publicada na revista **Educação e Realidade** (1986, 11(1): 11-18), Freire lembra que conheceu Fiori em Porto Alegre, nos anos 50 quando trabalhava no SESI de Recife. No seu depoimento para o livro **Conscientização** (1979:15) refere que desenvolveu seu trabalho no SESI de 1946 a 1954. Ao que parece, pois, o primeiro encontro entre os dois foi antes de 1954. Também no depoimento dado aos organizadores do II volume dos **Textos Escolhidos** de E. M. Fiori, em 1985, e que serviu de Posfácio ao mesmo, Freire fala de seu primeiro encontro com o Fiori nos anos 50, sem conseguir precisar o ano. O último encontro, também referido naquele Posfácio, aconteceu segundo Freire, no início de 1984.

Em 1992 organizei, em colaboração com a L&PM Editores, uma sessão acadêmica de lançamento do II volume dos **Textos Escolhidos** de E. M. Fiori. Paulo Freire participou, como painalista, daquele evento. Na sua exposição relatou um episódio dos seus dias de prisão, já referido detalhadamente em outro evento semelhante, em 1987, por ocasião do lançamento do I volume dos **Textos Escolhidos**. O fato em si e a lembrança reiterada do mesmo, nas recordações do Freire, expressam muito bem a grandeza da amizade que se estabeleceu e se revigorou entre os dois, ao longo dos anos. Ouçamos o relato de Freire:

Então, aí preso desse jeito, eu consegui um dia o papel que faz o pacote dos cigarros. Eu fumava muito cigarro Minister. Pronuncia assim, bem americano. E eu abri o pacote. Deixaram entrar o pacote. Abri, e aí aproveitei aquele negócio branco, e fiz uma carta a Fiori, que eu sabia que ele não veria nunca. Era um negócio de pensador doido também. Eu estava escrevendo, no fundo sabendo que ele não ia receber. Que a carta não vinha, é claro. Foi pegada e rasgada. E minha mulher, que gosta de pesquisa, não pode aproveitar essa carta para os trabalhos dela sobre mim, porque se perdeu e o capitão rasgou. Aí então eu escrevi para o Ernani. Mas eu não me lembro do tema. Era

um tema que batia nele. Depois eu contei a ele, no exílio. O tema batia bem nele. Eu escrevia a ele sobre a solidão, que precisa ser transformada, pelo solitário, em uma presença, com fundo asfíxiante de estar só. Eu discutia um pouco com ele como, “como” e “se” era possível transformar o “estar sem” no “estar com”. Poxa, teria muita coisa para relembrar de novo o Ernani e, sobretudo, essa presença.

No depoimento já lembrado, de 1987, quando foi lançado o I volume dos **Textos Escolhidos**, o Freire se deteve sobre alguns detalhes muito significativos daquela carta que o Fiori nunca iria receber. Premido pela solidão deprimente, sentiu que precisava absolutamente escrever. Mas não pensou em escrever nem à Elza, nem a algum dos filhos ou filhas, nem à mãe. Há horas decisivas, na vida da gente, em que o problema não é o de relatar aos familiares mais chegados, através de uma carta, o que está acontecendo com a gente. O drama pode ser tamanho, que os familiares precisam ser preservados. Na solidão que nos esmaga, a pergunta que se impõe é se é possível pensar numa presença com quem partilhar o drama para não submergirmos. Pena que não haja sido transcrito o depoimento de 1987. Tenho impressão que Freire disse então que ele próprio destruiu a carta depois de escrevê-la. No Posfácio ao volume II das obras (p.278), ele diz:

Depois que eu acabei de escrever a carta eu a li e rasguei, e eu nunca consegui, depois, reescrever essa carta. Incríveis esses fenômenos que a gente experimenta na cadeia: Eu fui capaz de escrever uma carta, mas não fui capaz de reescrevê-la. (...)

O fundamental era que ele tinha conseguido verbalizar o que estava sentindo e, sobretudo, verbalizar que alguém seria capaz de ouvi-lo, transformando em “presença” aquela “ausência” total; alguém seria capaz de converter em “estar com”, o “estar sem”, porque aquela carta, embora impossível de ser lida pelo destinatário, já estava escrita, tornando para Freire existencialmente “presente” o amigo Fiori.

Ao reler os depoimentos escritos de Freire e ao relembrar tópicos de suas falas, estou me dando conta de como o tema da amizade profunda entre os dois, rapidamente acenado aqui, deverá ser amplamente explicitado no possível futuro livro. Até para suprir o que Freire já não pode mais dizer, em resposta às minhas perguntas e indagações, sem preocupar-me com a brevidade, não deverei omitir nada do que Freire disse ou escreveu, ao longo de anos, a respeito do grande amigo e parceiro de caminhada. Será interessante, inclusive, ouvir o que outros companheiros de luta e de exílio testemunharam sobre esta parceria. Não poderia omitir, mesmo nos limites deste escrito, o depoimento de um dos mais inteligentes, afeiçoados e

corajosos amigos e companheiros de Fiori e Freire e, sob ângulos diferentes, discípulo de ambos, Luiz Alberto Gomes de Souza. Em seu artigo na revista **Síntese**, nos fornece um resumo denso desta incomparável parceria. Leiamos:

No Brasil, vimos atrás, começara seu interesse pela temática da conscientização. No Chile, seu diálogo com Paulo Freire seria intenso, fraterno e permanente. Muitas foram as longuíssimas e apaixonadas discussões do pernambucano com o gaúcho, num embate da intuição fulgurante posta à prova pela lógica rigorosa. O pensamento de Paulo Freire estava sempre referido a uma experiência concreta e se foi enriquecendo com a prática chilena, como se pode ver na caminhada entre “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”. Pode-se também afirmar que a reflexão dialética de Fiori teve um significativo impacto em seu repensar constante. É por isso que Paulo confia a Fiori o prefácio do seu segundo livro acima referido. Ali podemos ler: “O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política. Distingue-as sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá os rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, super-estruturais ou inter-estruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação. Um método pedagógico de conscientização alcança as últimas fronteiras do humano”. E terminava dizendo: “Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer sua própria palavra, e em que multidões imensas nem sequer têm condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com o que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem sua palavra, têm que lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais, é um difícil mas imprescindível aprendizado: é ‘a pedagogia do oprimido’”. Poucas vezes Paulo Freire foi analisado tão bem e até o fundo dinâmico de sua intuição educativa, irredutível a um simples método entre outros.

Paulo Freire, numa entrevista com o Prof. Tomaz T. da Silva, na revista **Educação e Realidade** em 1986 (11(1):17), respondendo, inclusive a uma pergunta minha, comentou com surpresa e emoção a análise do Luiz Alberto. Destacarei apenas uns trechos do comentário feito pelo Paulo:

Puxa, eu estou feliz! É pena que os leitores não me vejam arrepiado. Eu estou muito feliz, primeiro, com o casamento que está havendo aí entre a pergunta do Balduino e a análise fantástica, eu não conhecia este artigo, do Luiz Alberto. (...) Mas eu acho que ele apanhou de maneira muito bem estruturada alguma coisa que eu disse antes, aqui na nossa conversa quando eu falava do papel da intuição, não? Mas eu dizia que a intuição é válida no momento em que você a submete ao crivo da rigorosidade. E agora o Luiz Alberto vem e diz isso, ele sintetiza, sumaria os encontros do pernambucano com o gaúcho, exatamente sublinhando o quanto de intuição eu trazia para esses encontros e o quanto de rigorosidade científica, filosófica, trazia o gaúcho para esses encontros. (...) Eu não sei se agora, tão contente com essa análise do Luiz Alberto, se eu corro o risco de perder a humildade, pra dizer que eu devo ter ensinado também ao meu mestre, o Fiori, a necessidade de deixar voar a intuição. Essa capacidade de adivinhar. Mas aí é exatamente o que eu situaria uma das grandes contribuições dele, do Fiori, do Vieira Pinto, do Álvaro Faria. Uma das grandes contribuições do Fiori ao meu pensamento foi a elaboração, a estruturação. Conversando com Fiori era como se eu estivesse em certo momento tomando meu próprio pensamento como objeto da minha indagação. E isso Fiori fez muito comigo. Por isso que eu te disse que eu não gosto desse negócio de mestre e de discípulo. Mas se eu tivesse de apontar um mestre, um deles no Brasil, eu diria que foi o Fiori. Olha, eu não teria nada mais a te dizer, eu felicito, de um lado, essa síntese tão bacana de quem participou disso também, porque se o Luiz Alberto não tivesse convivido também em alguns desses seminários, como eu te falei antes, dos sábados de tarde, lá em casa, ele às vezes estava também, ele não poderia ter dito de maneira tão brilhante e tão objetiva, algo que nós vivemos há mais de 20 anos atrás. Bom, eu terminaria isso dizendo essa coisa: felicito essa análise tão bacana do Luiz Alberto e a pergunta muito inteligente do Balduino.

Eu tinha previsto para este artigo um tópico cujo título seria, em forma de pergunta: *Quem dos dois foi discípulo e quem mestre?* Há coisas interessantíssimas que foram ditas sobre esta relação dialógica extremamente rica e desafiadora. Mas o depoimento do Freire, há pouco citado, parece-me suficiente para os limites de um artigo. Uma antologia mais ampla de testemunhos, e uma análise mais detalhada desta relação, ficará para o livro em que poderá se desdobrar este escrito. Se o Freire se considera muito mais discípulo do que mestre, na sua relação com o Fiori, é também verdade que o Fiori se enriqueceu muito do diálogo prolongado com o Freire. E é verdade que o mestre brilhante sabia transformar-se em discípulo muito humilde e sequioso de aprender. Concluirei este tópico com um episódio pitoresco

narrado por Freire durante um almoço com um grupo de amigos, em 1986, em que a conversa girava em torno do Ernani. Não anotei então, e esqueci alguns detalhes. Contou Freire que, num determinado encontro, um dos participantes era gago. Diante de sua dificuldade em finalizar as palavras, o Fiori intervinha “amigavelmente”, para ajudá-lo a concluir. Por exemplo, se o gago queria falar “democracia”, encalhava: demo-mo-mo... O Fiori ajudava: “cracia”. O Freire disse que tentou cotucá-lo com o pé, por baixo da mesa. Mas o Fiori não entendeu o sinal. Estava muito absorto em “ajudar” o amigo. No intervalo da reunião, o Freire questionou a validade da ajuda que o Fiori queria prestar, e observou: “Se tu não o deixas concluir a sua palavra, ele vai ficar ainda mais traumatizado”. O Fiori, surpreso com a observação e reconhecendo o equívoco da sua “ajuda”, limitou-se a perguntar: “Paulo, tu achas mesmo que ele ficou mais traumatizado?”

Para os sábios sempre é tempo de aprender com os outros.

3. O Filósofo da Pedagogia da Libertação

Em 1989, no II Encontro Internacional de Filosofia da Libertação, em Porto Alegre, proferi uma palestra sobre Ernani Maria Fiori como precursor da filosofia da libertação. Eu falei em precursor *latu-sensu*. Num sentido estrito, seria difícil sustentar esta tese. Por isso mesmo eu o situo, aqui, como filósofo da *pedagogia da libertação*, evitando de inseri-lo diretamente no movimento historicamente caracterizado, já, como *Filosofia da Libertação*. Paulo Freire está sendo definido por vários estudiosos de sua obra como filósofo. E ele o é, na verdade, no sentido mais autêntico da palavra, enquanto pensador “radical” dos problemas da educação. Entenda-se “radical” e “radicalidade”, como o próprio Freire define sua postura epistemológica e política, no sentido de um pensar a educação a partir das raízes, das exigências mais profundas e decisivas. Ele é filósofo também porque teve uma sólida formação filosófica, sempre leu muito os filósofos, e sempre se preocupou em tematizar também em termos filosóficos, ao longo de todos os seus escritos, os problemas da existência humana e da educação. Todavia Paulo Freire nunca pretendeu ser e não foi um filósofo profissional ou no sentido técnico da palavra. Como tal, reconheceu sempre e afirmou reiteradas vezes a importância da reflexão filosófica de Fiori na construção de uma pedagogia da libertação. No seu depoimento em Porto Alegre, em 1992, no lançamento do II volume dos **Textos Escolhidos**, expressou claramente sua posição, revelando, inclusive, a intenção de discutir a obra do Fiori na PUC de São Paulo. Depois de referir-se à tarefa ao mesmo tempo “fácil e difícil” de falar sobre personalidades ricas e complexas como Fiori, declarou:

Essa facilidade e essa dificuldade de ser falado, é o que provocam as grandes figuras. As figuras mais simples, não no bom sentido da palavra, as figuras menos ricas, menos complexas, essas se dão com mais facilidade ao exercício nosso de vê-las e revê-las. Esse exercício de ver e rever o Fiori como vocês farão, confesso que também vou fazer. Eu vou fazer isso posteriormente, na Universidade Católica, em São Paulo, mas não aqui.⁴ Eu gostaria de tomar estes dois volumes da obra de Fiori, e passar algumas sessões discutindo a atualidade de Fiori, enquanto pensador, enquanto filósofo geral e filósofo particularmente da educação, que ele foi muito bem. O difícil é que um filósofo da educação se aventure nos pensamentos mais amplos, mas é muito fácil que o filósofo entre no campo da educação. Nisso ele sempre teve umas enormes vantagens sobre mim, como em outras coisas. Mas um dia eu pretendo apanhar isso e discutir, período por período. Alguns aspectos que me parecem fundamentais, nesse fim de século, estão em Fiori. Não só no Fiori escrito, aqui, mas nesse Fiori fantásticamente falado que foi ele. (...) Há dimensões sobre o que não vou falar hoje, mas que gostaria de falar um dia, que me parecem de uma presença enorme nesse pedaço de história que nós vivemos.

Nos limites de um artigo, eu estou mais preocupado em resgatar alguns dos depoimentos extraordinariamente significativos de Freire mais do que explanar minhas reflexões sobre as idéias e linha de ação expressas por Fiori, no âmbito das formulações teóricas e do processo histórico que se costuma denominar “Educação Libertadora” e “Pedagogia da Libertação”. Grande parte da fecunda contribuição de Fiori aqui, no Brasil, foi por mim resgatada através da pesquisa sobre “O Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul.” As contribuições de Fiori durante o exílio chileno e, a partir do Chile, em palestras e seminários em vários outros países, foram resgatadas pelo Professor Triviños e por mim, num segundo projeto de pesquisa. As

⁴ Não sei se o Paulo lembrou, naquela hora de que ele me fizera a proposta de um seminário semelhante, a ser realizado no PPGEDU da UFRGS. Em 1986, ao almoçarmos juntos, um dia, na casa da Professora Nise Pelanda, ele me disse: “Balduino, estão para sair as obras do Ernani Fiori. Quando forem publicadas, tu deves promover um seminário de um semestre sobre o Fiori. Eu prometo que virei um dia inteiro para este seminário. Em 1992, após a fala dele, cobrei a confirmação da promessa. E ele confirmou. Confesso, envergonhado, que eu ofereci o seminário, para o qual se inscreveu somente um aluno. O coordenador do PPGEDU me perguntou: “Por que não ofereces o seminário sobre o Freire?” Eu respondi que não havia dificuldade em fazê-lo. Dois seminários que ofereci sobre Freire, tiveram mais de 50 inscritos. Mas eu achava que deveríamos resgatar a obra de Fiori, cuja memória a repressão conseguira apagar quase inteiramente para as novas gerações. Dois anos mais tarde ofereci um seminário sobre Fiori e Dussel, com muito boa participação. O seminário sobre Fiori com a presença de Freire não irá mais acontecer. Mas para o II semestre de 97 o Curso de Pós-Graduação em Educação da UFPel me pediu um seminário sobre Freire e Fiori. Aceitei e o Seminário está se realizando com grande interesse e participação. Não podemos nos resignar ao silêncio imposto pelo arbítrio em torno de grandes educadores como Fiori.

duas pesquisas deverão transformar-se, brevemente, em livro. Fiori era, acima de tudo, como vários amigos ou estudiosos seus já salientaram, o intelectual brilhante da palavra falada, bastante avesso a escrever e publicar. Muitas de suas palestras, quase com certeza, não serão mais resgatadas. Numa data que não posso mais lembrar com precisão, entre os meses de fevereiro e maio de 1985, fui assistir à palestra que o filósofo nicaraguense Alejandro Serrano Caldera proferiu na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, sobre filosofia latino-americana, no contexto de um seminário mais amplo, organizado pelo doutorando Sirio Lopez Velasco, em colaboração com o Professor Berten. Após a palestra fui falar com o filósofo Caldera. Ao apresentar-me como brasileiro, ele me disse: “Um brasileiro que muito nos ajudou a nós, os líderes da revolução nicaraguense, foi o filósofo brasileiro Ernani Fiori. Isto aconteceu em seminários de que participávamos no Panamá.”⁵

O que nos ficou, por escrito, de mais significativo, como contribuições de Fiori para a teoria e prática de uma “pedagogia do oprimido” como “educação libertadora”, são três textos, pela ordem cronológica:

- ***Aprender a dizer a sua palavra***, escrito como prefácio ao livro *Pedagogia do Oprimido*, no Chile, em 1967;
- ***Conscientização e Educação***, conferência proferida em Washington, em 1970;
- ***Educação Libertadora***, conferência apresentada no 2º Seminário da FUPAC, no Panamá, em 1971.

Além disso, o II volume das Obras traz outros dois textos, sobre a Universidade. O primeiro, intitulado "Aspectos da Reforma Universitária", constitui a famosa conferência proferida por Fiori em 1962, durante o Seminário da Reforma Universitária, promovido pela UEE, no contexto da greve do 1/3. O segundo texto faz parte de uma série de conferências sobre o tema geral “Personalismo e compromisso histórico”, proferidas em Toledo, no Uruguai, de 23 de janeiro a 10 de fevereiro de 1967. As duas conferências sobre a Universidade não são alheias ao tema central deste artigo, que busca analisar a contribuição de Fiori para a educação libertadora ou, num sentido mais amplo, para a educação popular. Disto me ocupo num trabalho intitulado *O filósofo Ernani Maria Fiori, a Universidade e os Movimentos Populares ontem e hoje*.⁶ Nas páginas que seguem, pretendo analisar alguns

⁵ O próprio Freire, no prefácio ao II volume dos Textos Escolhidos (pp. 280-281), lembrando o que eu contara a ele, confirma com depoimentos por ele também ouvidos.

⁶ Este texto me foi solicitado e deverá ser publicado em livro organizado pela SMED de Porto Alegre, junto com os trabalhos de outros palestrantes de um seminário para professores.

aspectos básicos do pensamento de Fiori, que me parecem constituir contribuições decisivas para a formulação de um projeto histórico de educação libertadora.

4. Aprender a Dizer a sua Palavra

As populações e as classes oprimidas são massas inferiorizadas e dilaceradas por um sentimento profundo de autodepreciação, fruto do desprezo introjetado pela experiência da desumanização a que são submetidas, como “os condenados da terra” de Frantz Fanon. Tais populações são, além disso, massas silenciosas. Mas interditar a alguém a palavra significa negá-lo no seu próprio ser de pessoa. Numa sociedade de classes, é fundamental para a classe dominante, segundo Freire, manter a “cultura do silêncio”. Ele refere o depoimento de um camponês após a reforma agrária no Chile: *Vivíamos sob ordem. Tínhamos apenas que obedecer a elas. Não tínhamos nada que dizer.*

E Freire (A. C. L.: 62) comenta:

A resposta simples deste camponês nos introduz, claramente, à compreensão do que é a “cultura do silêncio”. Na cultura do silêncio existir é apenas viver. O corpo segue ordens de cima. Pensar é difícil; dizer a palavra, proibido.

Esta argumentação vai de acordo com o pensamento de Heidegger (1964: 204): O discurso é constitutivo da existência do ser-aí (...); o homem se manifesta como o ser que fala, (...) ζῶον λογὸν ἔχον, de acordo com a definição dos gregos. Nesta mesma linha de pensamento, no prefácio a **Pedagogia do Oprimido** Fiori (1992: 56) declara: Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana.

Neste perspectiva, o título do prefácio “Aprender a dizer a sua palavra” não sintetiza apenas o conteúdo daquele texto, extremamente denso e profundo, mas expressa também o sentido fundamental do próprio livro **Pedagogia do Oprimido**. Depois de afirmar a palavra como constitutiva, como elemento essencial da condição humana, Fiori prossegue:

E o método que propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda a pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário. A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A

pedagogia é antropologia.

Sem me autorizar, aqui, a uma longa digressão, permito-me um aceno apenas a uma das críticas mais severas feitas à pedagogia freireana, por parte do antropólogo argentino Rodolfo Kusch, que vê na mesma uma oposição irreduzível entre a pedagogia de Freire e a antropologia. São muitos os estudos sérios salientando as dimensões essencialmente antropológicas da obra de Freire. Eu próprio me ocupei disto em minha tese de doutorado (p. 69). Carlos Alberto Torres (1979) declara que o tema antropológico “é um dos temas para o qual a contribuição de Freire foi a mais fecunda”, considerando que ele elaborou uma “antropologia política”. Ao afirmar que “a pedagogia é uma antropologia” Fiori nos fornece, de maneira lapidar, todo o alcance da concepção antropológica que permeia a obra de Freire. Nessa perspectiva antropológica, a educação reproduz, segundo Fiori, em seu plano próprio, o “movimento dialético do processo histórico de produção do homem”. Ela é, assim, processo histórico e processo cultural. Parece-me interessante, para salientar mais a densidade e complexidade da concepção fioriana, aproximar o texto citado de um outro, pinçado da sua conferência sobre a Reforma Universitária (**Textos Escolhidos**, p. 20):

A essência humana, a idéia do ser humano não se coloca antes da existência, mas sempre além de todos os limites da liberdade, nessa constante tentativa do espírito de conquistar a plenitude de sua própria essência. Definiria, portanto, essa historicidade do homem, à maneira lavelliana, dizendo que a existência é permanente conquista da própria essência, o que significa que o homem nunca se conquista inteiramente a si mesmo. O desenho vital da perfeição humana não está aquém, mas sempre além de todo o esforço histórico da existência. É assim que o homem se realiza, evolve e faz história: cultiva-se. Cultura é sinônimo de processo histórico de realização do homem, processo que, embora tenha raízes na espontaneidade do ser vivo, espiritual, que é o homem, é constante e renovada vitória da liberdade.

Não é em vão que o I volume dos **Textos Escolhidos** de Fiori traz o título **Metafísica e História**. O título reflete e expressa muito bem a visão que ele mesmo tem de sua perspectiva filosófica. Os dois pólos, a *metafísica* e a *história*, a *transcendência* e a *imanência*, a *verticalidade* e a *horizontalidade*, a *abstração filosofante* e *filosofia da práxis*, não estão dicotomizados, na obra de Fiori, mas dialeticamente imbricados. Ele próprio, na conferência intitulada “O fio condutor de um pensamento itinerante” (Vol. II, p. 46-47), se antecipa a uma pergunta possível:

Por que duas fases no meu pensamento; numa a predominância metafísica, noutra a predominância da história? Respondo: não há duas fases. A segunda, pensada como foi pensada, não existe sem a primeira.

Fiori desdobra, em seguida, sua argumentação, mostrando que não é uma justificativa *a posteriori*, mas já desenvolvida em sua tese de livre docência, escrita no início da década de 60. Esta unidade dialética da transcendência e da horizontalidade histórica é concretude na existência pessoal e coletiva do homem, como o declara Fiori (Vol. II, p. 20):

Sendo assim, à medida que o homem vai se conquistando e vai se fazendo, vai, na história, se constituindo o feito. O feito é a cultura no sentido objetivo: a projeção do espírito nas obras que constituem o mundo da cultura - a arte, a técnica, a ciência, a indústria, etc.

Esta incursão por vários momentos da reflexão fioriana, teve seu ponto de partida na centralidade da *palavra* no prefácio da **Pedagogia do Oprimido**. Escrevi “incursão”, não “digressão”. Se digressão, foi consciente. O intuito foi de mostrar que não há uma metafísica de um lado (o I volume) e uma filosofia da educação, do outro (o II volume). Fiori desfaz a idéia de “duas fases”. O Pe. Lima Vaz (vol. I, p. 19), fala daquela conferência de 1980 como de *Um texto exemplar e que tem, desde já, seu lugar assegurado entre os textos clássicos do pensamento filosófico brasileiro*.

Naquele escrito, segundo o Pe. Vaz,

Fiori aparecerá como **sui interpretes**, como intérprete de si mesmo segundo o ideal hemenêutico sempre perseguido pelos historiadores da filosofia, mas que raramente se apresenta em condições tão excepcionais de ser alcançado quanto naqueles que Fiori criou com sua luminosa autobiografia filosófica.

Mas esta unidade dialética entre a metafísica e a história, teve seu contexto ideal e seu terreno fecundo em múltiplos desdobramentos, sobretudo no encontro com a pedagogia freireana e com os movimentos de cultura popular e de engajamento político, como foi o caso da AP. O próprio Freire descreve, com a genialidade do estilo que lhe é peculiar, aquele encontro histórico ou aquela convergência. No prefácio ao II volume (p. 279) escreveu:

Naquele período, no começo dos anos 60, houve então uma presença maciça das massas populares no Brasil, nas praças, nas ruas,

reivindicando. E é exatamente no bojo dessa experiência, nesse momento histórico, social e político do país, que emerge uma série de iniciativas no campo que se chamou, em primeiro lugar, educação de adultos e, depois, **cultura popular**. É aí então que o pernambucano vai encontrar o gaúcho com quem tinha estado anos atrás, no Rio Grande do Sul - e que tinha percebido como um homem extremamente sério, eu até poderia dizer, fazendo um apelo aos leitores que entendam a expressão que eu vou usar: o gaúcho que revelava um certa “aristocracia do saber” (não que ele fosse um pensador de elites, de jeito nenhum, eu estou usando aqui essa expressão para revelar a exigência, o rigor que Ernani tinha) -, fazendo cultura popular. Naquele momento de emersão das massas, em que elas começavam a encher as ruas, a demandar, a exigir, em que os movimentos de cultura popular começavam a aparecer, se poderia pensar: qual terá sido a posição do pernambucano e a do gaúcho? Será que vão se distanciar, agora? Será que o gaúcho vai ficar apenas ao nível da preocupação universitária, vai ficar apenas falando do Hegel, que ele tratava como pouca gente neste país? E aí, com surpresa - não para mim -, se vê o gaúcho aparecer como presidente do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande. Vocês vejam como, no fundo, não era por acaso que a minha admiração era tão grande pelo gaúcho.

Com certeza, o documento mais importante da parceria pedagógico-política entre Freire e Fiori é o famoso prefácio que está sendo o ponto de partida destas reflexões. A coisa mais importante parece-me, pois, saber o que o próprio Freire pensava daquele escrito. No Posfácio ao II Volume (pp. 284-285) ele escreveu:

Todos os livros têm sempre uma longa história, e eu vivi aproximadamente um ano falando da pedagogia do oprimido. Com o Fiori acontecia o mesmo. Nossas conversas se davam principalmente nos sábados à tarde, quando Hilda e Ernani chegavam. Num primeiro momento, as conversas giravam necessariamente em torno da cordilheira, do frio maior ou menor, mas, imediatamente, a demanda epistemológica do Fiori acabava com o “penso que é” e entrava na rigorosidade do “que é”, ou do “que estava sendo”, e então virava seminário. Era quando eu entrava com os meus assuntos. Puxa, como eu aprendi com o Ernani nestas tertúlias de fim de tarde! Eu digo a vocês, com alegria, como na verdade eu me sentia um bom aluno do Fiori, reconhecendo que encontrava nele explicações, fundamentos, razões de ser, para algumas das minhas curiosidades. Todos os sábados se dava isso, todos eram assim, e os seminários se alongavam, em geral, numa sopa em comum. O prefácio nasceu num desses sábados. Eu terminei de escrever os três primeiros capítulos do livro -

na ocasião eu acreditava que fosse o livro todo - entreguei-os ao Ernani e disse: "Eu terminei esse - treco - agora chamado **Pedagogia do oprimido** - e quero te deixar muito livre para, com base na nossa amizade, decidir se tem sentido ou não; se achares que tem, gostaria que escrevesse o prefácio, se achares que não, não precisa dizer a ninguém mas me devolve, e eu não fico triste contigo." Ele levou o texto para casa, leu, e dez dias depois, num daqueles sábados, voltou com o prefácio na mão. Vocês podem bem imaginar a alegria que eu tive quando ele me leu o texto. Era maravilhoso. É uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa pedagogia do oprimido. O prefácio é, no fundo, melhor do que o livro. É uma síntese extraordinária de compreensão do que eu dizia.

Em 1992, no lançamento do II volume, ao falar do novo livro que estava escrevendo, **Pedagogia da Esperança**, como releitura da **Pedagogia do Oprimido**, assim se referiu ao prefácio:

Ernani foi o prefaciador desse livro. E porque estava escrevendo esse novo livro, que estou concluindo agora, eu precisei reler o primeiro porque até o livro é uma releitura da **Pedagogia do Oprimido**. Eu precisei ler umas dez vezes de novo o livro e anotar umas coisas. E obviamente que li de novo, dez vezes, o prefácio do Ernani, que é uma obra-prima. Às vezes me dá uma vontade de inverter os papéis: pôr o meu livro como prefácio ao prefácio do Ernani. Quer dizer, o prefácio é melhor do que o livro. E eu então convivi novamente com o seu pensamento.

Numa de nossas conversas em sua casa, em 1984, Fiori me mostrou, com mágoa e indignação, um corte que não podia ser mero lapso, nas primeiras edições brasileiras do seu prefácio à **Pedagogia do Oprimido**. Trata-se de 32 linhas. Frei Sérgio Gørgen relata que também ouviu, com outros colegas, o desabafo do Fiori. Num depoimento seu que iremos publicar, Frei Sérgio escreveu: "Castraram meu prefácio - disse-nos Fiori. - Tiraram o essencial. Aqui está a essência do que eu quis transmitir".

Há, porém, coisas piores. Na edição francesa da editora Maspero, de Paris, o prefácio foi sumariamente eliminado. Infelizmente, nunca perguntei a Freire ou ao Fiori se sabiam o porquê desta arbitrariedade. Mas o pior de tudo é que a maioria dos leitores e leitoras de **Pedagogia do Oprimido** sequer sabem quem é o autor do Prefácio. Já fiz o teste inúmeras vezes. Em todas as ocasiões, eu lancei a pergunta como técnica de impacto. Diante do silêncio ou das raras respostas, sempre comentei: "Eu não condeno vocês por não saberem. Eu é que, como professor da Universidade que foi a Universidade do Fiori, me sinto envergonhado de que as novas gerações não saibam quem

é Ernani Maria Fiori. Este é o preço dos longos anos de arbítrio e de repressão”.

5. Conscientização e Libertação: Dois Conceitos Superados?

Cabe ainda falar, hoje, em *conscientização* ou *libertação*? Para alguns críticos apressados de Freire, bem como para os especialistas nos modismos do momento, no mercado bibliográfico pós-moderno e pós-estruturalista, a resposta é tranqüilamente: não! Pessoalmente, julgo que nenhuma resposta simplista é séria. A problemática ligada a estes dois termos é muito complexa. Não cabendo discuti-la aqui, farei apenas uma quádrupla distinção: atualidade ou não dos *termos*, atualidade ou não dos *temas*, atualidade ou não dos *problemas* e, finalmente, atualidade ou não dos *processos* de conscientização e de libertação? Quanto aos *termos*, realmente, eles foram muito desgastados, não por Fiori nem por Freire e os muitos outros educadores envolvidos nessa caminhada. Quanto à *conscientização*, tantas foram as deturpações, que Freire não vinha utilizando o termo há muitos anos. Ele havia analisado já estas ondas de adulterações, numa conferência proferida em Cuernavaca em 1971, sob o título significativo de **Desmistificación de la Conscientización**. No que tange aos *temas*, a leitura séria de textos como os do Fiori deixam claro que tais temas são atuais como são atuais os temas da *consciência* e da *liberdade*. Com relação aos *problemas*, eu prefiro inverter a argumentação, na linha do que a filosofia aristotélico-tomista denominava *argumentum ad hominem*, ou seja, devolvendo a argumentação aos objetores. Eu já disse, em várias oportunidades que seria muito feliz se Freire estivesse desatualizado e se todos nós, os estudiosos de sua obra, o fôssemos, porque os novos tempos teriam demonstrado que não tem mais sentido lutar por uma *pedagogia do oprimido* e da *libertação*, sendo que a utopia já se realizou, não havendo mais, na sociedade nova, nem oprimidos nem opressores. Infelizmente, isto não aconteceu ainda. O fragmento da última “carta pedagógica” de Freire mostra que ele morreu denunciando e anunciando:

(...) Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.

E se os *problemas* continuam, mais graves do que nunca, é evidente que devem continuar os *processos* de luta, no campo específico de uma educação articulada com as outras instâncias do sistema global, para que todas as pessoas possam conquistar o direito e as condições de liberdade, de dignidade humana, de autonomia e de cidadania. Os *termos* são relativos, devem ser relativizados e até desatualizados. O que importa, é que os *processos* pedagógico-políticos de uma “pedagogia do oprimido” estejam sendo, como de fato estão sendo, recriados, reconstruídos, para que as pessoas, grupos e as classes vítimas das numerosas e violentas formas de dominação, de marginalização e de opressão, consigam superar estas condições desumanizantes e realizar-se em condições de dignidade humana, como sujeitos conscientes de um processo histórico.

Abordei o prefácio da *Pedagogia do Oprimido*, enquanto expressão máxima do diálogo Fiori/Freire, a partir da ótica de uma pedagogia da palavra - aprendizagem da palavra, direito e condição de proferir, de maneira livre e autônoma, a própria palavra. Mas isto não significa reducionismo ou restrição aos limites de um tópico específico, com relação à concepção que Fiori expressa, em termos da filosofia da educação. Pelo contrário, gostaria de pensar a totalidade, a partir de qualquer ângulo, de qualquer categoria de análise, e de qualquer tentativa de conceptualização. Isto fica mais fácil de ser entendido se avançarmos numa reflexão, sem nos diluirmos demais, tentando descobrir esta perspectiva nas duas conferências **Conscientização e Educação** (vol. II: 65-82) e **Educação Libertadora** (Ibidem: 83-85). No primeiro texto, o eixo é a *educação* na sua função de *conscientização*. No segundo, a *educação* como sendo, necessariamente, um processo de libertação. Todavia, os dois termos, a conscientização e a libertação, perpassam, com diferentes enfoques e diferentes ênfases, ambos os textos, como também o prefácio da *Pedagogia*. Ao mesmo tempo o Fiori articula, o tempo todo, sua argumentação, sem atenuar nunca a profundidade e o rigor da reflexão filosófica, nas perspectivas da totalidade do real e do compromisso com a práxis. Uma citação extraída do texto introdutório à conferência sobre **conscientização e educação** (pp. 65-66) nos ilustra com clareza o que é dito acima:

As estruturas podem aprisionar o homem ou propiciar sua libertação, porém, quem se liberta é o próprio homem. A conscientização, como

processo interno às contradições estruturais, pode ser fator relevante de transformação sócio-cultural; de qualquer maneira deverá ser, sempre, seu acabamento. O homem não pode libertar-se, se ele mesmo não protagoniza sua história, se não toma sua existência em suas mãos. A isso conduz a dinâmica da conscientização.

De dentro de um sistema articulado de dominação externa ou interna, que subjuga, confunde e mistifica os povos da América Latina, começa a emergir uma consciência iluminadora da situação e do momento. É um princípio de conscientização que poderá ser fator decisivo em sua libertação, e que, em todo caso, deverá, finalmente, marcar o significado humano de seus projetos históricos. As lutas pela libertação, desde seus primórdios, devem restituir ao homem sua responsabilidade de re-produzir-se, isto é, de educar-se e não ser educado.

Nessa emergência de uma autoconsciência crítica de nossos povos, é de vital importância uma reflexão comprometida com a **práxis** da libertação, que nos permita captar, com lucidez e coragem, o sentido último desse processo de conscientização. Só assim será possível repor os termos dos problemas de uma educação autenticamente libertadora: força capaz de ajudar a desmontar o sistema de dominação, e promessa de um homem novo, dominador do mundo e libertador do homem.

Os temas da *conscientização* e da *libertação*, articulados em torno do tema-eixo da *educação*, aparecem, na argumentação do Fiori, indissociavelmente vinculados aos temas da *cultura*, da *história*, do *trabalho* (e da *divisão social do trabalho*), da *economia*, do *poder* e dos *valores*. “*Educação e conscientização, segundo Fiori, se implicam, mutuamente*” e “*falar em educação conscientizadora é redundância.*” Isto significa que não há educação autêntica se não é conscientizadora, e que a conscientização como é concebida por Álvaro Vieira Pinto, por Freire, Fiori e os movimentos de cultura popular, devia ser necessariamente educativa. De todos os escritos que eu conheço, o do Fiori é certamente o mais denso e profundo. A definição da conscientização como conceito e como processo é ensaiada por Fiori através de sucessivas aproximações, inspiradas em diferentes abordagens. Numa *perspectiva ontogenética*, segundo ele (vol. II: 65): *A conscientização é o “retomar reflexivo do movimento da constituição da consciência como existência.”*

Vista na relação da consciência com o mundo, a conscientização já se anuncia como movimento em que a consciência se reconquista ao conquistar o mundo (Ib.: 67). E, nesta relação ainda, a conscientização se prefigura como ação transformadora e não como visão especular do mundo: refazer-se, com autenticidade, implica reconstruir o mundo.

Partindo da sua concepção de ser humano como corpo consciente, como subjetividade encarnada numa objetividade, como sujeito que é lógos e práxis, a conscientização esboça o traçado essencial de seu movimento: o de encarnação histórica (Ib.: 69).

O homem não é, porém, subjetividade fechada em seu próprio mundo, e transformação do mundo não é ação isolada. A subjetividade somente se realiza na *intersubjetividade* da comunhão, e a transformação, na cooperação. Nesta ótica, a conscientização é vista como *tarefa mundana e compromisso pessoal de amor* (Ib.: 70).

Na ótica da *historicidade*, o homem “corre o risco de tornar opaca sua subjetividade”, num processo de alienação e coisificação, que o reduz a objeto de outros sujeitos. Contra esta tendência, a subjetividade, numa possibilidade de *desalienação*, pode *fazer-se consciência crítica e práxis libertadora*, e dessa maneira, *a consciência retoma este processo: temporalização e historicização (...) cuja dinâmica é práxis e, num sistema de dominação, esta práxis só pode ter o sentido da libertação* (Ib.: 72). Nesta historicização, a existência humana se realiza num *contorno axiológico* de construção de valores. Dentro desta referência, a conscientização significa “*revalorização da existência*”, “*humanização*”, “*valorização do homem*” e “*revolução cultural*” (Ib.: 72-73).

A ação cultural conscientizadora se contrapõe a “*poderosas correntes* do pensamento contemporâneo (que) anunciam o perecimento da *subjetividade e a morte do homem*, ao menos no atual campo epistemológico das *ciências humanas* (...) Segundo tais correntes *o homem não é mais sujeito, é uma estrutura inconsciente*.” Neste contexto histórico e epistemológico sombrio quanto ao destino do homem, segundo Fiori

A conscientização não pretende refazer o homem desde seus recônditos mais ocultos, pretende, sim, retomar o movimento da constituição da consciência como existência, isto é, retomar-se naquele instante em que o homem se reconstitui, conscientemente, num sentido histórico que é visão e compromisso. Aceitando que nossa historicização seja demarcada por linhas estruturais dadas, assumi-las será sempre uma aventura existencial da consciência como existência; e o sentido da existência será aquele que essa consciência refaz em seu comportamento de encarnação e comunhão, de recriação e libertação do homem. (...)

O homem foi expulso da História, não tanto pelas “ciências”, que pretendem dissolvê-lo, senão pelo sistema imperante, que o aliena como objeto do mundo da dominação. A conscientização busca restaurá-lo em seu devido lugar, como um sujeito da dominação do mundo. A conscientização não é, pois, uma ciência da consciência;

ainda que integrando a prática teórica das ciências em sua práxis total, é, sobretudo, opção e luta. Opção pelo homem e luta por sua desalienação.

Nesta perspectiva ampla de historicização do homem, como sujeito, consciente, crítico, que assume a transformação do mundo como vocação que lhe é própria, a educação não pode ser vista como adaptação. Segundo Fiori (vol. II: 79) *a educação é exatamente o contrário: é o esforço permanente de desadaptação. O homem que se conforma renuncia à historicização: desumaniza-se.* De acordo com ele (Ib.: 80):

Educação é, pois, processo histórico no qual o homem se re-produz, produzindo seu mundo. Todos que colaboram na produção deste deveriam reencontrar-se, no processo, como sujeitos de sua própria destinação histórica, autores de sua existência. A condição de sujeito só pode ser preenchida pelos que trabalham o mundo. Estes são verdadeiramente o povo - a comunhão pessoal só tem um nome: colaboração no mundo comum.

Fiori conclui sua conferência em Washington, em 1970 Ib.: 82, declarando:

Em nossos povos latino-americanos, grupos cada vez mais numerosos despertam para as atividades conscientizadoras. Quais são os caminhos a seguir para apressar nossa libertação? A teoria da ação cultural se justifica por sua fecundidade histórica. Na práxis, ela encontra seu princípio, sua inspiração e sua prova. Nesses pontos, apenas enunciados, buscamos tão-somente o sentido original da conscientização. E achamos que coincide com a “revolução cultural”.

Na conferência sobre Educação Libertadora (1971) Fiori pretende apresentar “apenas alguns pressupostos teóricos para um repensar radical da educação”. Na sua concepção,

A educação é o esforço permanente do homem por constituir-se e reconstituir-se, buscando a forma histórica na qual possa reencontrar-se consigo mesmo, em plenitude de vida humana, que é, substancialmente, comunhão social (Ibidem: 83).

A educação, para Fiori, não pode dissociar-se do processo histórico-cultural, nem separar-se da produção do mundo; não pode realizar-se a não ser numa direção axiológica, no contexto de uma

constelação de valores. A afirmação do trabalho visto como fator de transformação do mundo e de produção da existência e a denúncia da divisão social do trabalho, tendo como consequência as classes sociais, presentes na conferência anterior, perpassam, num tom ainda mais veemente, toda a argumentação do Fiori. A relação da educação e da escola com o trabalho é afirmada, na concepção filosófica e pedagógica do Fiori, numa perspectiva tão inovadora e crítica, que hoje ainda é um sonho distante, frente a políticas tecnicistas e economicistas vigentes no campo da educação. Para não delongar-me demasiadamente, bastam alguns fragmentos de sua explanação. Segundo Fiori:

A cultura tem, portanto, um sujeito originário que não pode ser esquecido ou desconhecido: são todos os que trabalham na formação e transformação do mundo comum, que é um contexto de significações universais, cuja unidade poderia denominar-se espírito objetivo. Na consecução deste, e implicado com ele, emerge e se desenvolve o espírito subjetivo. A concreta implicação dos dois é simplesmente o homem todo: história e cultura (Vol. II: 89). (...)

Se a dinâmica da libertação se define por sua direção para a liberdade, e se esta supõe a capacidade do homem em autoconfigurar sua forma dentro das possibilidades objetivas da história, então todos os que, efetivamente, participam da produção do mundo - e somente a este título - têm o direito e o dever de assumir sua função de sujeito do processo da cultura (Ib.: 90). (...)

A legítima invenção histórica dos valores humanos não pode, portanto, provir de uma educação separada da produção, ou desse saber da dominação com que os amos mantêm, justificam e mitificam a alienação econômico-social, política e cultural dos servos (Ib.: 93).

As relações estabelecidas por Fiori entre educação e trabalho opõem-se diametralmente às concepções capitalistas neste campo. Por outro lado, valorizando embora as críticas e as propostas marxistas, a concepção de Fiori as ultrapassa, na linha do que ele considera um “socialismo personalizante” ou, então, um “personalismo socializante”.

6. A Utopia que se Faz História

Alguns críticos da educação popular libertadora e, sobretudo, críticos de Freire, cobram os resultados concretos dos programas de conscientização e de educação libertadora. Não pretendo responder a esta cobrança. Quero referir, contudo, quatro situações, para mostrar como Fiori não era um teorizador apenas. Ele se preocupava que a reflexão e a teoria se convertessem em ideologia concreta, que tornasse viável a ação

transformadora.

A primeira situação, refere-se ao Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, ao qual já me referi anteriormente. Fiori foi o principal inspirador e, depois, o presidente do Instituto, que significou a culminância de toda uma extraordinária floração de atividades, no campo da cultura e da educação popular. O Instituto era destinado a garantir a continuidade e expansão daqueles projetos. Tendo sido fundado em 14 de dezembro de 1963, sua duração reduziu-se a “três meses e meio de um sol (e sonho) de verão, antes que a longa noite (da repressão) baixasse.” Todavia, os desdobramentos do Instituto foram e estão ainda sendo muito fecundos, conforme pudemos constatar através de uma pesquisa em que resgatamos a história do mesmo.

A segunda situação relaciona-se com a revolução nicaragüense. Relembro, a respeito da mesma, o depoimento colhido por mim em 1985, da boca do filósofo Alejandro Serrano Caldera, que era então embaixador de seu país junto ao governo francês. Ele se referiu à contribuição de Fiori a eles, os líderes revolucionários da Nicarágua.

A terceira situação, o Professor Augusto Triviños e eu a relatamos em nossa pesquisa sobre o exílio fecundo, ainda que doloroso, de Freire e Fiori no Chile. O povo chileno, oprimido pelo medo, o terror, as ameaças contínuas de perseguição e de morte, como também pelo desemprego e pela fome, com o apoio das igrejas cristãs e de educadores populares, começou a organizar-se na base, em grupos de solidariedade, refeitórios comunitários e em oficinas de trabalho, a fim de sobreviver. Garcia Huidobro, um dos que participou, com Freire e Fiori, dos programas de educação popular, afirma:

Já em 1973 a Igreja da Zona Oeste de Santiago apoia iniciativas dos moradores, e organiza postos de refeições comunitárias para grupos de pessoas especialmente afetadas pela situação de desemprego e repressão. Em 1975, o Comitê de Cooperação para a Paz começa a apoiar iniciativas populares de criação de refeitórios, para garantir alimentação às crianças das famílias mais sofridas. Nesta data, surgem, nas instituições que trabalham com moradores urbanos, linhas de ação em torno das necessidades básicas para diminuir os problemas do desemprego, da fome e da saúde, incluindo também atividades de educação e capacitação.

O regime autoritário não chegou a dar-se conta do processo de conscientização e de reconstrução da cidadania que estava acontecendo, nestes grupos de solidariedade. Por isso mesmo, foi pego de surpresa no plebiscito em que imaginava consolidar o autoritarismo. De uma educadora popular que participava naquelas promoções comunitárias, colhemos, em

nossa pesquisa, um depoimento eloqüente:

Nós mesmos não estávamos muito seguros dos rumos que tomariam essas oficinas. Havia um objetivo claro, primordial, em todas elas, visível para todos, especialmente para os representantes da ditadura e para seus delatores. Nós nos empenhávamos em mostrá-lo, este objetivo, por um lado para sobrevivermos, e ao mesmo tempo, para podermos continuar com nosso trabalho, ou seja, queríamos mostrar que os membros da oficina realizavam um trabalho concreto que lhes servia para satisfazer uma necessidade. Somente depois de algum tempo, no momento em que o ditador resolveu permanecer por longos anos, e consultou o povo, percebemos a importância que tinham essas oficinas para a organização popular. Milhares dessas instituições, estabelecidas em todos os pontos do país, discutiram, organizadamente, a proposta do ditador, e conscientemente, com sentimentos coletivos, puderam dizer “não” aos anseios do representante do regime autoritário.

A quarta situação serve também de resposta à pergunta sobre a atualidade do pensamento de Fiori, não apenas sob o ponto de vista teórico, mas também, e principalmente, no que tange à práxis transformadora e às lutas dos movimentos populares. Pois bem, eu ouvi pessoalmente, de dois dos principais educadores comprometidos com o MST, Frei Sérgio Görden e Pe. Paulo Cerioli, que eles devem sobretudo ao que aprenderam com o Prof. Fiori o engajamento nas lutas a favor dos trabalhadores pobres. Eu pedi que escrevessem seus depoimentos, que pretendemos publicar, junto com outros já reunidos por nós. Citarei apenas alguns tópicos de seus testemunhos. O Frei Sérgio Görden declarou:

Lembro-me que ele insistia que estudássemos. Que não caíssemos no praticismo (não recordo se era este o termo que ele usava, mas foi a lição que guardei).

- A práxis deve ser consciente - insistia ele.

Lembro-me de sua extraordinária figura humana, sempre atencioso, humilde, carinhoso. Um mestre que ensina também pela vida.

Acho que demos a ele algumas alegrias. Ele sofria com o reacionarismo do Clero. Isto machucava suas convicções cristãs e libertárias. Nós lhe dávamos a esperança de que poderíamos ser religiosos comprometidos com o povo.

O Pe. Paulo Cerioli lembra as tardes de estudo e de reflexão em companhia do inesquecível Prof. Fiori:

A anistia permitiu o retorno do exílio do prof. E. M. Fiori. Ele topou refletir conosco, mais que isto, topou nos ensinar a pensar: ensinar a pensar 'os filhos' do golpe. Fiori nos dizia: "Temos que aprender a filosofar porque filosofia não se aprende". Nos desafiou a discutir - como cristãos - a questão da liberdade e da história, partindo de Santo Agostinho: "Para fazermos o nosso engajamento histórico é bom começar a reler Santo Agostinho, para admirá-lo e ou escandalizarmo-nos com ele". Mas, advertiu: "O que precisamos é um exercício filosófico e não pensar questões estanques".

Foi nestas tardes, semanais, de reflexão que descobrimos, juntos, - grande novidade - que a história é o caminho da libertação. Que é necessário resgatar e manter a história como memória subversiva dos trabalhadores e do povo que buscam desestabilizar a desordem existente (imposta pelo golpe a serviço dos exploradores) para que a ordem retorne. Que os defensores da atual ordem são os senhores da desordem, a saber, do sistema econômico que garante a exploração dos trabalhadores e do regime político que garante a repressão e encobre os desmandos da direita.

Foi nestas tardes que percebemos que só é possível buscar a justiça estando ao e do lado dos injustiçados, a saber, a necessidade de um engajamento radical. Enquanto que revela o absurdo dos que propõem - em nome da fé - uma fuga do mundo. A fé cristã não é só pessoal: é social. A fé exige este engajamento. Nós só a realizamos através de mediações históricas. Por isto precisamos nos mesclar com o mundo - assumir o mundo como ele o é - para transformá-lo.

Foi nestas tardes que floresceu um compromisso pessoal e coletivo de luta pelos direitos do e com o povo. Luta que passa pela defesa da vida, da justiça, da cultura, ... pela valorização da pessoa e da subjetividade. Luta pelo fim da exploração, bem como das estruturas capitalistas que necessariamente geram a morte. Luta pela paz, que passa pela liberdade e pela democracia e por processos libertários até construirmos a libertação: hoje, o socialismo-democrático.

7. Um Povo que Esquece seus Sábios e Mata seus Profetas

Paulo Freire, ao concluir sua fala no lançamento do II volume das obras de Fiori, em 1992, felicitou os editores nestes termos:

E também gostaria de felicitar a essa editora. Esse é um gesto bonito, é um gesto sério, participar da luta gostosa de evitar que Ernani vire estátua, para que ele continue vivo, discutido, debatido, refeito, recriado, como vocês fazem. É uma coisa que nem sempre a gente espera que seja feito, do ponto de vista dos interesses. Obviamente, uma casa editorial tem que ter interesses de ganhar dinheiro, para

poder existir. Então, com esse gesto de vocês, essa editora junta à sua necessária natureza de casa editorial, a amorosidade de quem gosta de cultura.

A metáfora utilizada por Freire, “*evitar que Ernani vire estátua*”, trouxe à minha memória a citação que eu faço em minha tese (p.98), do discurso proferido pelo Pe. Pierre Ganne, um grande estudioso da obra de Mounier, por ocasião do 30º aniversário de sua morte, em 1980. Naquela ocasião, Grenoble, sua cidade natal, promoveu uma homenagem solene ao filho ilustre. Tendo sido convidado a proferir o discurso oficial, o Pe. Ganne, lembrando a advertência bíblica, questionou:

Podemos nos perguntar se o Povo de Deus de nossos dias não é tristemente fiel a uma de suas mais antigas “tradições”, a de matar os profetas que lhe são enviados. E há muitas maneiras de matar com eficácia, sendo as mais discretas e correntes o esquecimento, a desatenção, a ingratidão e, como coroamento de tudo, a ereção de um monumento (aniversário).

A história recente dos regimes fascistas e do regime soviético, na Europa, e a história mais recente ainda, dos regimes ditatoriais da América Latina, demonstram com evidência que em nossos dias as maneiras de matar os profetas não são nada discretas. E ao falar em “profetas” não entendo o termo num sentido religioso. Há profetas laicos, desde Sócrates, na antigüidade, até Marx, nos tempos modernos, Che Guevara há trinta anos, e Chico Mendes nos nossos dias, que o sistema dominante nunca aceitaria. A revista **Veja**, logo após a morte de Freire, publicou um breve artigo de Mário Sabino, o qual declara: *Os críticos de sua obra afirmam que o golpe salvou o educador de um fracasso e o alçou ao panteão da glória intelectual.*

Escrevi, recentemente, num artigo sobre Freire:

A argumentação é de um primarismo gritante. Dentro desta lógica, a cicuta teria sido igualmente a salvação de Sócrates, livrando-o do fracasso e consagrando-o como mestre da humanidade. É preciso reescrever a história de todas as vítimas ilustres do arbítrio, da censura, da repressão de todos os regimes autoritários, políticos ou religiosos (como a Inquisição), incluindo entre aquelas vítimas o próprio Jesus Cristo. Trata-se de uma hermenêutica necrófila.

Voltando à imagem do monumento como forma discreta de matar, transformando em estátua, o que interessa ressaltar é o nosso compromisso para que as obras dos grandes mestres, como Fiori, não morram. Se há

formas grosseiras e cruéis de matar (fuzilamento, exílio, tortura, “suicídios” nos cárceres das ditaduras, desaparecimentos políticos); se há maneiras discretas, como o esquecimento, dar o nome a uma escola (Governo do R. G. do Sul), homenageá-lo num congresso, construir uma estátua; há também outras formas mais sofisticadas, em que a academia, com seus rituais e suas vaidades, se especializa, a dos modismos teóricos, rotulados com títulos pomposos: crise dos paradigmas, complexificação, qualidade total, desconstrução, pós-estruturalismo, pós-modernidade...

Temo que a solenidade dos títulos, em alta na praça de uma bibliografia mercadológica de consumo, alimente muito mais a curiosidade passageira pelo último lançamento da moda, do que a teorização séria e rigorosa, que comprometa os educadores, em todos os níveis, em reconstruírem todo dia, coletivamente, e a partir de sua prática e de uma reflexão crítica, os novos caminhos da educação. Neste sentido, talvez como sinalização deste comprometimento, parece-me interessante retomar aqui, ainda que de maneira breve, alguns dados importantes da biografia de Fiori.

Ernani Maria Fiori nasceu em Porto Alegre a 17/03/1914, sendo o sétimo filho do casal Roque e Rosa Fiori, imigrantes italianos, que aqui chegaram em fins do século XIX. Casou-se com Hilda Costa, com quem teve, também, sete filhos. Entre os anos 1936 - 1938 dedicou-se ao magistério e à advocacia. Desistiu, porém, desta última para dedicar-se exclusivamente ao magistério de filosofia. No campo da Educação, deixou sua contribuição em vários cargos e tarefas, tendo sido o criador e diretor do Instituto de Filosofia da UFRGS. Submetido, em 1964, ao julgamento arbitrário de uma famigerada Comissão de Investigação Sumária (CEIS), constituída de um general e de professores da própria universidade, foi excluído da mesma. A defesa oral proferida por Fiori, publicada no II volume de seus **Textos Escolhidos** (pp. 265-271) é comparável, pela grandeza moral e intelectual a par da coragem política expressas naquele discurso, à defesa de Sócrates perante seus juízes. Convidado pelo reitor da UNB, Professor Zeferino Vaz, para organizar o Departamento de Filosofia daquela universidade, as pressões do SNI levaram o mesmo reitor a demiti-lo em julho de 1965. Em protesto, os alunos decretaram greve, e mais de duzentos professores se demitiram. Auto-exilando-se, foi para o Chile, onde permaneceu de 1966 a 1972. Entre outras importantes atividades, foi convidado a planejar e coordenar, como vice-reitor acadêmico, a reforma da Universidade Católica do Chile. Em 1972 solicitou licença não-remunerada, saindo com a esposa em viagem por vários países latinoamericanos. Não recusou o convite do reitor F. Castilho de talvez voltar, o que se tornou impossível com o golpe de 1973. Em 1974 aceitou convite para lecionar em Portugal, de onde voltou ao Brasil em 1975, motivado por problemas de

saúde da esposa. Aqui assessorou grupos de estudos filosóficos, deu aulas e proferiu conferências em Viamão. Em 1979, com a anistia, voltou à UFRGS, aposentando-se um ano depois. Faleceu em 1985, com 71 anos de idade.

Pessoas da estatura intelectual, moral e política de Ernani M. Fiori não podem ser esquecidas. Os que descobrirem sua grandeza com certeza irão sentir-se comprometidos na “luta gostosa” de que fala Freire, luta de “evitar que Ernani vire estátua”. Não irei perguntar aos sacerdotes dos templos da academia se Fiori é atual. Prefiro concluir com as palavras com que concluíram seus depoimentos quatro intelectuais e educadores que souberam descobrir a grandeza dele, como pessoa, e a grandeza de sua obra.

O Frei Sérgio Görden declara:

Levo comigo muito da rápida e profunda influência de Fiori. Na luta pela terra, dura e bonita, na pastoral libertadora, na educação popular, na alfabetização de jovens e adultos, vão, no coração e na mente, a imagem carinhosa, o pensamento fecundo e as lições de vida de Ernani Maria Fiori, que tive o privilégio de conhecer, ainda que fugazmente.

Mais que tudo, há um toque de carinho em tudo o que lembro do Professor Fiori.

O Pe. Paulo Cerioli escreveu:

O que representou para nós, Fiori? Entre as possíveis respostas podemos dizer: a oficina onde aprendemos a pensar o processo histórico como cristãos, a serviço do processo de libertação que está sendo construído pelos trabalhadores e pelo povo organizados e por isto podemos qualificar o nosso engajamento e o nosso serviço. Obrigado, Fiori.

O Prof. Luiz Alberto Gomes de Souza, um dos discípulos mais ilustres do Ernani, e seu companheiro em muitas jornadas de luta, nos caminhos do Brasil e do exílio, assim conclui com emoção, o artigo publicado na revista **Síntese**:

No dia da comemoração da Ceia do Senhor, reencontrou a terra-mãe. Recordo que insistia para ser incinerado, no caso, que não se deu, de morrer longe de Porto Alegre. Isso me faz imaginar que seu pensamento é como a cinza espalhada aos quatro ventos, fecundando o mundo e os homens. Sua obra agora reunida, recompõe parcialmente um itinerário surpreendente pela amplitude de perspectivas. Talvez será pouco visível na historiografia oficial da filosofia brasileira e nas fichas dos eruditos, caçadores de flores dissecadas e mortas das

páginas dos livros. Para os que tivemos o privilégio de conviver com ele e guardamos sua lembrança com um grande carinho, vive na liberdade dos ares e dos tempos, criador como a semente que se multiplica e penetra na terra fértil das consciências.

De Freire, o grande e fraternal parceiro de muitas caminhadas, eu já trouxe vários depoimentos, ao longo deste escrito. Lembrarei apenas as duas frases finais do magistral Posfácio ao II volume das Obras de Fiori: *Ernani morreu jovem. Ele jamais perdeu a paixão pelos seus sonhos.*

8. Referências Bibliográficas

- ANDREOLA, Balduino A. Os pressupostos teórico-filosóficos do pensamento de Paulo Freire; O projeto político-pedagógico formulado na pedagogia libertadora. Palestra. Simpósio Paulo Freire, Vitória - ES, setembro de 1996, 30 p.
- _____. O filósofo Ernani M. Fiori, a Universidade e os movimentos populares ontem e hoje. Texto inédito a ser publicado em livro pela SMED de Porto Alegre, 21 p.
- _____. Paulo Freire morreu: um equívoco jornalístico. Revista Pátio, nº 2, Porto Alegre, 1997 p. 44-47.
- _____. O Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul: História, influências e desdobramentos. Relatório de pesquisa para o CNPq, INEP e FAPERGS, Porto Alegre, 1995, 338 p.
- _____. Ernani Maria Fiori e a educação. Porto Alegre, 1997, 14p. (Texto inédito).
- _____. Emmanuel Mounier et Paulo Freire; Une pédagogie de la personne et de la communauté. Thèse Doctorale. Louvain-la-Neuve (Belgique), Université Catholique de Louvain, 1985, 505 p.
- BERDIAEFF, Nicolas. Cinq Méditations sur l'existence. Paris, Aubier, 1936.
- CERIOLI, Paulo. Lembranças de um ex-aluno. Depoimento (inédito), 1992, 2 p.
- FIORI, Ernani Maria. Aspectos da Reforma Universitária (1962). Textos Escolhidos, volume 2, Porto Alegre, L&PM Editores, 1992, p. 17-43.

- _____. Universidade e compromisso histórico (1967). Textos Escolhidos, volume 2, Porto Alegre, L&PM Editores, 1992, p. 44-51.
- _____. *Aprender e dizer a sua palavra* (1967). Prefácio de “Pedagogia do oprimido” de P. Freire. Textos Escolhidos, volume 2, Porto Alegre, L&PM Editores, 1992, p. 52-64.
- _____. Conscientização e educação (1970). Textos escolhidos, volume 2, Porto Alegre, L&PM Editores, 1992, p. 65-82.
- _____. Educação libertadora (1971). Textos Escolhidos, volume 2, Porto Alegre, L&PM Editores, 1992, p. 83-95.
- _____. Textos Escolhidos, volume 2, Metafísica e História. Porto Alegre, L&PM Editores, 1987.
- FREIRE, Paulo. Fragmento da última carta a ser incluída no livro “Cartas Pedagógicas”. Folha de São Paulo, Caderno 3, 11 de maio de 1997, p.3.
- _____. Depoimento (inédito) no lançamento do II volume dos “Textos Escolhidos” de E. M. Fiori, Porto Alegre, 27 de maio de 1992.
- _____. Ernani Fiori: um intelectual apaixonado. Entrevista com Tomaz Tadeu da Silva. Educação e Realidade; 11(1): 11-18, Porto Alegre, jan./jun. 1986.
- _____. Depoimento de um grande amigo. Posfácio ao II volume dos Textos Escolhidos de Ernani M. Fiori, Porto Alegre, L&PM Editores, 1992, p. 273-287.
- _____. Pedagogia do Oprimido. 18ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- _____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- _____. Pédagogie des Opprimés, suivi de Conscientisation et Révolution. Traduit du brésilien. Paris, François Maspero, 1982.
- _____. Desmistificação da conscientização. Palestra de P. Freire em Cuernavaca (1971). In: TORRES, Carlos A., A Práxis Educativa de Paulo Freire, Rio de Janeiro, Loyola, 1979, p. 105-118.
- _____. Ação cultural para a liberdade. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
- GANNE, Pierre. Pour un portrait spirituel d’Emmanuel Mounier. Enghise de Grenoble, bi-mensuel, Grenoble (14): 425-428, 1975.
- GÖRGEN, Frei Sérgio. Professor Fiori - um toque de carinho. Depoimento (inédito). Porto Alegre, 1992, 3p.
- KUSH, Rudolph. Os preconceitos que costumam acompanhar as teorias desenvolvimentistas: análise crítica da metodologia de Paulo

- Freire. In: TORRES, C. A., *Leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1981, p. 139-163.
- RICOEUR, Paul. *Une philosophie personaliste*. Esprit, Paris, déc. 1950, p. 860-887.
- _____. *Histoire et Vérité*. Paris, Éditions du Seuil, 1955.
- SOUZA, Luiz A. Gomes de. Ernani Fiori: um pensamento fértil na consciência latino-americana. *Síntese*, nº 34, Rio de Janeiro, maio - agosto/1985, e *Revista Eclesiástica Brasileira*, 38 (178), junho de 1985.
- TRIVIÑOS, Augusto N. Silva e ANDREOLA, Balduino A. *Da opressão à esperança: contribuições de Fiori e Freire para a educação chilena*. Relatório de pesquisa, Porto Alegre, 1996, 204 p.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *O itinerário do absoluto no pensamento de Ernani Fiori*. Prefácio a *Textos Escolhidos*, vol. 1, Porto Alegre, L&PM Editores, 1987, p. 19-31.